

# QUINTO CONGRESSO LATINO AMERICANO DE EVANGELIZAÇÃO - CLADE V



## CUADERNO DE PARTICIPACION COSTA RICA DE 9 A 13 DE JULHO DE 2012

---

### PARA MAIS INFORMAÇÃO:

Facebook: [ftl.clade](https://www.facebook.com/ftl.clade)

Twitter: [@cladev](https://twitter.com/cladev)

Web: [www.clade5.org](http://www.clade5.org)

E-mail: [cladev@ftl-al.org](mailto:cladev@ftl-al.org)

FRATERNIDAD TEOLOGICA LATINOAMERICANA

[www.ftl-al.org](http://www.ftl-al.org)

FRATERNIDADE TEOLOGICA LATINO-AMERICANA  
SETOR BRASIL

[www.ftl.org.br](http://www.ftl.org.br)

# Conteúdo

---

Notas para o uso do *Caderno de Participação*

Atividades para propiciar o diálogo, a reflexão e a missão comprometida

**Primeira parte: Seguindo Jesus pelo caminho da vida**

**Pergunta geradora 1**

Se olharmos com atenção o que se ensina ou prega nas igrejas, o seguimento de Jesus é quase um tema esquecido e até enterrado: por quê?

**Pergunta geradora 2**

Que mediações hermenêuticas podem nos ajudar a ler as Escrituras, sobretudo os relatos evangélicos sobre Jesus?

**Pergunta geradora 3**

O que acontece quando os “cristãos alienantes” substituem o Jesus dos Evangelhos? Como evitar?

**Pergunta geradora 4**

Como influenciam as práticas litúrgicas (canções, orações, sermões, gestos, ritmos, cultos) em nosso seguimento de Jesus? Existem critérios que nos ajudam a discernir diante destas práticas?

**Pergunta geradora 5**

É possível seguir a Jesus fielmente sem pisar nas pessoas que são praticantes fieis de outras crenças ou religiões? Podemos sugerir maneiras de conviver que sejam doadoras de vida? Como é o rosto da evangelização no caminho do seguimento de Jesus?

**Segunda parte: O reino do Deus da vida**

**Pergunta geradora 6**

As práticas religiosas são ambíguas e podem ser alienantes, ou até tóxicas. Pode-se falar o mesmo da teologia. Que elementos nos ajudam na hora de determinar se nosso discurso e nossas propostas sobre o “seguimento” e o “Reino da Vida” são saudáveis e promovem vida?

**Pergunta geradora 7**

Que significa “vida” nas condições atuais em que vivemos? E a vida “em abundância” começando agora? Ainda é possível essa vida? Como?

**Pergunta geradora 8**

Não podemos falar de “vida” em geral se não falarmos das vidas concretas e particulares das pessoas (por exemplo, a problemática das quadrilhas, os

sem-terra, os imigrantes). De que forma se manifesta o Reino da Vida em situações concretas de morte?

**Pergunta geradora 9**

Quais são as dimensões ecológicas e cósmicas deste Reino de Vida?

**Pergunta geradora 10**

Que vida? Para quem e para quê? Quais são os abusos que se cometem em “nome da vida”? O que acontece quando os grupos que são castigados ou disciplinados em “nome da vida” são grupos que a maioria dos evangélicos latino americanos e do Caribe não são vistos com bons olhos?

**Pergunta geradora 11**

Qual é a relação do Reino do Deus da vida com os projetos políticos atuais e com os movimentos sociais?

**Pergunta geradora 12**

Como percebemos o problema da teodicéia em nosso continente?

**Terceira parte: O Espírito da vida**

**Pergunta geradora 13**

Como se manifesta o pentecostalismo em nosso meio? Como distinguir o trabalho da *Rûah* da vida dos espíritos de opressão e de morte?

**Pergunta geradora 14**

Nos CLADEs anteriores a temática central foi a “missão integral”. Quais são as limitações intrínsecas dessa maneira de descrever a missão? Quais maneiras a auto-imagem construída em torno da “missão integral” impede formas mais integrais de vida cristã, e como as energiza? Qual a contribuição do conceito de “missão integral”, quais distinções pretende demonstrar, perante o que ou quem?

**Pergunta geradora 15**

Existem exemplos concretos da “missão” ou de “envio” que possam servir de inspiração em nosso continente?

**Pergunta geradora 16**

Quais são os principais obstáculos para a vida abundante em nosso continente? Como respondem nossas igrejas a esses obstáculos? Quais são alguns passos concretos nas áreas de resistência à morte e de opções de vida que já estão dando nossas igrejas? Como seguir por esse caminho?

**Pergunta geradora 17**

Em que consiste nossa esperança? Nos ajuda ou nos faz desviar do caminho de seguir o Deus da vida?

**Pergunta geradora 18**

Por que existem tantos abusos de poder e tanta corrupção nas igrejas evangélicas? Que falhas estruturais existem em nossas igrejas? Como se relaciona com isso a educação teológica em todos os níveis?

**Pergunta geradora 19**

Como incorporar a agência pneumática de mulheres, jovens, povos originários e afro- descendentes em nossa maneira de viver, ser igreja e fazer teologia?

**Anexos****Bibliografia**

# Notas para o uso do Caderno de Participação

Para que serve um livro cujas páginas nunca são exploradas? Que valor tem um material - por mais bonito que seja o design - se os leitores não interatuam com ele? E que proveito terá este *Caderno de Participação* se quem o estuda não estabelece pontes entre seu conteúdo e a sua realidade, e se compromete a agir à luz do aprendido?

Finalmente, como poderá contribuir esta mesma reflexão para transformação a partir do Evangelho na América Latina se não vinculamos nossa reflexão e prática com outras companheiras e companheiros de caminho para unir nossas forças com a do Espírito?

Instados por tais perguntas, a FTL desenhou um *Processo de Participação*, que começa com o uso deste Caderno. Como poderão observar quem o estude, para cada seção é proposta uma série de atividades para a exploração grupal. Como já falamos, os encontros podem ser de núcleos locais da FTL, grupos domésticos ou de discipulado, de universitários e profissionais, de trabalhadores de organizações de serviço. Enfim, oferecemos este processo de reflexão teológica ao povo cristão da América Latina, do Caribe e do mundo com a expectativa de que produza frutos para o Reino de Deus e sua justiça.

Vale esclarecer algumas pautas que ajudarão para que o processo seja verdadeiramente participativo, comunitário, e contextual, e que esteja dirigido aos objetivos gerais de CLADE V. É importante que no encontro grupal:

- Se facilite o intercâmbio mútuo para a construção comunitária do conhecimento;
- Se valorizem as contribuições, os diversos conhecimentos e experiências dos participantes sem que uma pessoa domine a discussão e nem se apresente como especialista;
- Se conectem os conteúdos com as realidades vividas e cotidianas dos participantes, de suas famílias e de suas comunidades de fé;
- Uma pessoa sirva para facilitar o diálogo;
- Uma pessoa sirva para secretariar, recolhendo os comentários, conclusões, e os questionamentos do grupo.

Além dos grupos locais já descritos, e em reconhecimento da rica diversidade de experiências e contribuições de pessoas de todos os cantos de nossa América Latina e do mundo, a FTL abriu um espaço virtual no qual as pessoas que estejam utilizando este *Caderno de Participação* possam interagir em torno das temáticas centrais de CLADE V. Visite o site [www.clade5.org](http://www.clade5.org) para se envolver no Processo Participativo CLADE V.

No site do CLADE V também encontrará temas musicais e leituras criativas que lhes convidamos a aprender e divulgar. Além de preparar-nos para nossa celebração em Júlio de 2012, sem dúvida enriquecerão a liturgia e a experiência missional de nossas igrejas latino-americanas e caribenhas.

Participemos já de CLADE V!

# Atividades para propiciar o diálogo, a reflexão e a missão comprometida

## Abertura e atividades introdutórias

Antes de começar, leiam a *Introdução* do Caderno de Participação, familiarizem-se com o esboço geral e disponham-se a serem guiados(as) por Deus no processo que empreenderão juntas e juntos.

Tenham em conta os seguintes passos:

1. Determinem quantas sessões dedicarão ao processo;
2. Definam quem servirá de facilitador ou facilitadores e estabeleçam algumas regras básicas de participação (respeito às opiniões de outras pessoas, permissão para discordar, compromisso a não monopolizar a conversa, duração das sessões, etc.);
3. Escolham quem será o/a escriba do grupo. O papel desta pessoa é chave porque será quem sintetize os comentários do grupo e contribuições ao Processo Participativo no site [WWW.clade5.org](http://WWW.clade5.org);
4. A partir das três grandes temáticas –*seguimento de Jesus pelo caminho da vida, o reino do Deus da vida e o Espírito da vida* - se oferecem várias opções de temas e perguntas para a discussão grupal. Dependendo da profundidade desejada e do tempo que tenham determinado, poderão trabalhar todas as temáticas ou optar por algumas delas;
5. A pessoa que facilite deverá julgar quais das atividades resultam mais pertinentes para seu grupo. Aproveitar-se-á o material como base, mas terá a liberdade de adaptá-lo ao seu contexto. E se antecipará na leitura das perguntas para a sessão seguinte já que em algumas instâncias se anima ao grupo a realizar uma tarefa prévia ao encontro;
6. Se procurarem aprofundar algumas das temáticas, aproveitem a rica bibliografia oferecida ao final do Caderno;
7. Recomendamos que entrem na reflexão com postura de curiosidade pelo que Deus lhes quer revelar, com atitude mais de confissão que de julgamento, com abertura ao mover do Espírito através da Palavra, as irmãs e os irmãos, com oração e celebração;
8. Finalmente, repassem juntos(as) a tarefa e terminem em oração.

Tarefa: Em preparação para a segunda sessão, cada participante tentará gravar três ou quatro sermões ou estudos bíblicos. Logo, os escutarão e analisarão com a ajuda das seguintes perguntas.

(Em caso de que não possam gravar as pregações, tomem nota do conteúdo central para a análise).

- a. Reconheçam como Jesus é apresentado, isto é, que características são destacadas ou mencionadas?
- b. Existem aspectos, talvez mais humanos de Jesus, negligenciados ou ofuscados?
- c. Que exigências são formuladas para seguir Jesus?

# PRIMEIRA PARTE

Seguimento de Jesus  
pelo caminho da vida

# 1 Se olharmos com atenção o que se ensina ou prega nas igrejas, o seguimento de Jesus é quase um tema esquecido e até enterrado: por quê? (Pergunta geradora 1. Parágrafo 1-10).

## *Tema 1: Pregação e seguimento de Jesus*

- a. *Diálogo:* Compartilhe com o grupo as suas observações e comentários sobre os sermões ouvidos. O/a escreva sintetiza em um papel grande à vista de todos. O grupo garante que o resumo tenha incorporado todas as contribuições.
- b. *Leitura e Diálogo:* Com o resumo à vista, prossigam a ler cada item do documento. Notem semelhanças entre o observado e os pontos do Caderno. O/a escreva vai tomando nota dos comentários em outro papel grande.
- c. *Síntese:* Observem ambos os papéis. O que descobrem sobre o lugar dado ao discipulado no ensino de suas igrejas? O/a escreva toma nota para em seguida mandar esta síntese ao site do Processo Participativo CLADE V.

## *Tema 2: Seguimento de Jesus e "leitura" do contexto*

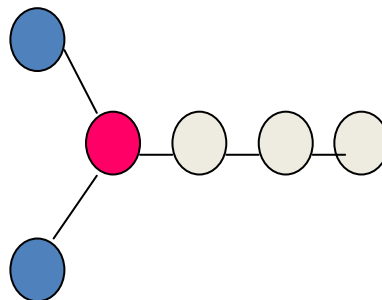
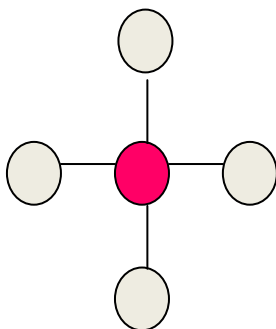
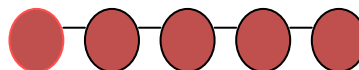
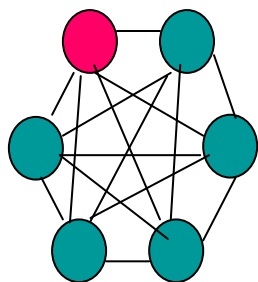
- a. Como descreveriam o contexto em que está inserida a sua igreja? O índice de pobreza é muito alto? Há muitas pessoas em situação de rua, desnutridas, desempregadas em seu ambiente? Quem são as pessoas mais vulneráveis do seu entorno? Participam de sua igreja, estão integrados nela?
- b. Quais são, em sua opinião, as causas dessas situações que levam as pessoas a estarem em condições de extrema vulnerabilidade em seus ambientes?
- c. Este problema é tocado nas pregações? As suas igrejas têm alguma tarefa diaconal enfocada aos setores que têm sido reconhecidos como mais vulneráveis? Nos estudos bíblicos ou nas pregações, se reconhecem causas estruturais desses problemas? O trabalho diaconal, procura soluções para os problemas estruturais ou se limita a tarefas assistenciais?
- d. Lembre-se da ênfase dos sermões recentes que ouviram. Consideram que tiveram uma forte ênfase em: O cuidado de si mesmo? Na conversão pessoal? Em uma mudança de vida que separa o cristão do "mundo"? A santidade pessoal?

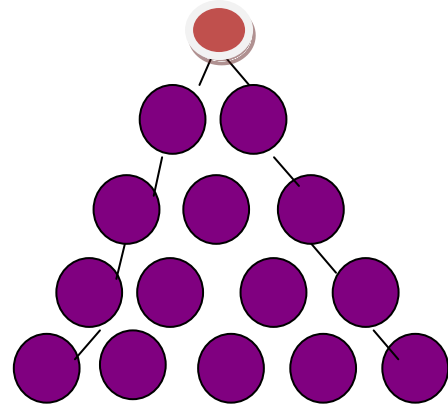
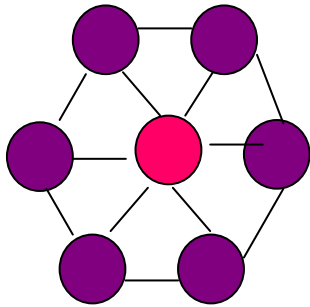
## *Tema 3: Seguimento de Jesus e cidadania*

- Será que o exercício da cidadania é um tema em sua igreja? É uma questão que parece relevante como cristãos/as?
- Acham que as pessoas em situação de pobreza chegaram a essa situação pelo seu próprio pecado? Por causas estruturais? Por uma combinação de ambos?
- Consideram que como cristão/as vocês têm um compromisso importante na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva?
- Participam ou acham bom que outros/as crentes participem de espaços onde se decidem políticas públicas? Citem, se for possível, exemplos específicos de pessoas que o fizeram com um impacto positivo.

*Tema 4: Seguimento de Jesus, modas teológicas e modelos eclesiais.*

No parágrafo 6 são mencionados modelos eclesiais resultantes de certas “tendências teológicas contemporâneas”: a *guerra espiritual*, a *chamada teologia da espiritualidade*, o *governo dos doze (G-12)* e o *ministério quártuplo*. Elaborem um gráfico que represente a estrutura destes modelos eclesiais. A seguir oferecemos algumas representações. Podem escolher algumas ou elaborar alternativas que melhor representem as idéias.





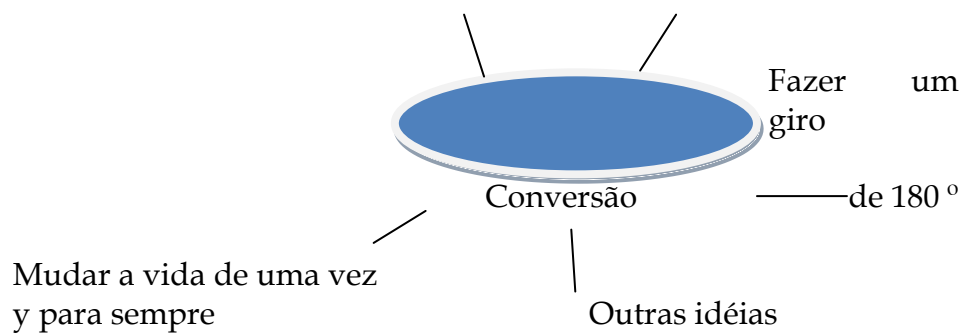
- a. Falem sobre o que vão descobrindo ao representar graficamente esses modelos
- b. Que efeitos acham que traz a implementação destas modalidades na comunidade de fé a médio e longo prazo?
- c. No parágrafo 8º se expressa:

Estas formas de entender e viver a vida cristã em diferentes contextos do solo latino-americano e caribenho, empobrecem, deformam e distorcem o que é seguir a Jesus nas realidades materiais concretas em que os discípulos estão.

- d. Detenham-se em cada verbo e sua explicação. Considerem suas próprias comunidades de fé em relação a eles:
  - Identifiquem exemplos específicos do impacto negativo destas teologias. Podem ser de suas comunidades de fé ou de outras. (Recomendação: abster-se de mencionar nomes próprios de pessoas e instituições).
  - Si percebem que qualquer um desses verbos "encaixa" em sua própria comunidade, o que sugerem para reverter o processo?
  - Concluem com um olhar curador para com suas congregações.
  - Orem por suas congregações e pela igreja de Cristo na América Latina para que vivamos em fidelidade a Deus.

#### *Tema 5: Seguimento de Jesus e conversão*

- a. No parágrafo 9 se menciona a palavra "conversão":  
Façam uma tempestade de idéias sobre este termo: O que significa para vocês? Como é vista a conversão em suas igrejas locais? Para esta discussão, um gráfico como o seguinte poderia servir como um disparador.



- Agora leiam Efésios 1 e falem sobre o propósito final de Deus: “reconciliar todas as coisas em Cristo”. Como é que este propósito estabelece a agenda para os seguidores de Jesus Cristo?
- Finalmente, leiam o parágrafo 10, como se deve viver o seguimento a Jesus em relação às múltiplas expressões de morte em nosso contexto? Orem uns por outros em base ao conversado.

## 2 Que mediações hermenêuticas podem nos ajudar a ler as Escrituras, sobretudo os relatos evangélicos sobre Jesus? (Pergunta Geradora 2. Parágrafos 11-19).

### Tema 1: Correntes de interpretação

- Nos parágrafos 11 e 12 se explicam três correntes hermenêuticas que se usam para compreender os textos bíblicos:
  - Leiam estas seções e comentem os modelos de interpretação.
  - Considerem sua congregação e procurem descobrir qual desses modelos predomina na leitura, na pregação e no estudo da Bíblia.
  - Discutam as vantagens e desvantagens (ou riscos) do modelo usado pela sua congregação.

Vantagens	Desvantagens (ou RISCOS)

- No parágrafo 13 se menciona o *círculo ou espiral hermenêutico*:
  - Relacionem esta proposta com o anúncio dos reformadores do século XVI, quem, em vez de promover “uma igreja reformada”, anunciavam uma “igreja reformada em constante reforma”.

- Conversem sobre a afirmação paralela: *precisamos de uma interpretação bíblica que permita uma “teologia contextualizada, em constante contextualização”*.
- Por que será importante que a comunidade de fé faça uma hermenêutica que não descuide o próprio contexto social, cultural e histórico a que pertence?

*Tema 2: A leitura contextual das Escrituras*

- a. Estudem os parágrafos 14 ao 19:
  - Quais três mediações entram em jogo na tarefa hermenêutica?
  - Quais são as contribuições particulares de cada mediação?
  - Por que é necessária cada uma delas para o seguimento fiel a Jesus?
- b. Realizem, como grupo, um exercício hermenêutico contextual:
  - Comecem com a mediação sócio analítica. Considerem a situação dos pacientes de AIDS na sua cidade: como são tratados? Eles têm acesso a empregos, a espaços sociais, à igreja? Existem entre vocês e/ou entre a cidadania em geral conhecimento sobre a doença, os métodos de infecção, etc.? (Será útil que o facilitador explore antecipadamente alguns dados ao respeito para nutrir discussão).
  - Continuem com a mediação hermenêutica, estudando o encontro de Jesus com os leprosos. Leiam Mateus 8.1-4 e orem implorando que o Espírito lhes dê discernimento: como eram tratados os leprosos nos dias de Jesus? Qual foi a atitude de Jesus para com eles? Que ações concretas realizou Jesus em relação aos leprosos?
  - Finalizem considerando a mediação prática: o que significará viver como Jesus viveu em relação com os pacientes de AIDS em nossa cidade hoje? Discutam os passos concretos que tomarão ao respeito, seja grupal ou individualmente, nas próximas semanas.

### **3** O que acontece quando os “cristãos alienantes” substituem ao Jesus dos Evangelhos? Como evitar? (Pergunta geradora 3. Parágrafos 20-28).

Nessa sessão, se trabalha o texto bíblico que trata - entre outras questões - da identidade de Jesus.

- a. Nos parágrafos 20, 21 e 22, se retrata a conhecida confissão de Pedro diante da pergunta de Jesus.
  - Estudem Mateus 16.13-28 para testemunhar mais diretamente este

diálogo.

- Qual é a crítica diferença entre o *significante* - a menção do título “o Cristo”- e o *significado* - o que Pedro tinha em mente- ao confessar a Jesus como “o Cristo”?
- Como se explica o fato de que Jesus lhe falara tão duramente a Pedro (v. 23), quando pouco antes lhe havia dito que sobre ele construiria sua igreja?

b. No parágrafo 22, se faz referência à afirmação de Pedro, e se apresenta a pergunta: *o que é o que Pedro entende por “o Cristo”?* Poderíamos pensar que Pedro tem em mente a divindade de Jesus. Mas se exploramos um pouco mais profundamente, descobriremos que, *para Pedro, Jesus é o Messias da expectativa popular nacionalista. E a esperança messiânica de Pedro não é a mesma que assume Jesus.*

- Tenham um tempo de meditação pessoal em resposta à pergunta que formula Jesus, “Quem sou eu?”. Perguntem-se como é o Cristo em quem acreditam e preparem-se para compartilhar sua perspectiva.
- Agora dialoguem sobre suas percepções e as ideias apresentadas no parágrafo 25:

A “negação” que Jesus demanda, quando rejeita a proposta de Pedro e fala da necessidade de tomar a cruz e seguir-lo, não é a negação que tanto mal tem feito ao cristianismo confinando-o a rejeitar a identidade cultural, de gênero ou a reflexão crítica da realidade, entre outros terrenos da vida. “Negar-se a si mesmo” é a demanda eloqüente de extirpar nossas cristologias alienadas, de devolver a Jesus sua soberania e deixá-lo ser o Messias que ele é. Por isso tomar a cruz é um ato escandaloso e requer ousadia e rebeldia.

- Que desafios são levantados à comunidade de fé o seguimento do Jesus que se entrega a favor de outras pessoas?

## **4** Como influenciam as práticas litúrgicas (canções, orações, sermões, gestos, ritmos, cultos) em nosso seguir a Jesus? Existem critérios que nos ajudam a discernir ao estar perante essas práticas? (Pergunta geradora 4. Parágrafos 29-35).

Em preparação para esta sessão, os membros do grupo observarão cuidadosamente a liturgia em uma igreja ou comunidade de fé local. Considerem as seguintes perguntas, que também lhes servirão de guia para a discussão grupal.

- Na música, que tópicos predominam? Que estilos são utilizados?
- Quem prepara a liturgia, canta, toca, dirige e participa?

- Que expressões culturais se usam na liturgia?
- Que lugar ocupa a Palavra de Deus na liturgia observada? A Bíblia é lida? É ensinada? Canta-se? Ignora-se?
- Como seria caracterizada a liturgia? É mais conservadora ou dinâmica, mais formal ou menos formal, mais uma apresentação desde a frente ou mais participativa, mais de rotina ou criativa? Existem “estrelas” da adoração e espectadores, ou todas as pessoas presentes contribuem à mesma? Que lugar se outorga às crianças na liturgia comunitária?
- Em sua opinião, a liturgia observada contribui ao reconhecimento de que nosso principal convidado é Deus? Ajuda a construir comunidade ao redor da adoração? Alimenta o seguimento de Jesús? Fortalece el compromiso con la misión de Dios en el mundo?

## **5 De que forma sentimos e seguimos a Jesus também com nosso corpo? Podemos sugerir maneiras de conviver que sejam dadoras de vida? Que significa dar testemunho de Jesus com todos nossos sentidos? (Pergunta geradora 5. Parágrafos 36-45).**

- a. Jesus tocou, olhou, escutou, chorou, usou todos os seus sentidos na sua aproximação a quem o rodeava.
  - Que barreiras, prejuízos e temores com frequência freiam a aproximação “a corpo inteiro” das pessoas de fé a membros de suas próprias comunidades e ainda mais “aos de fora”?
  - Até que ponto sentimos em carne própria a dor daqueles que nos rodeiam? Que correntes teológicas reafirmam nosso isolamento?
  - De que maneiras o exemplo de Jesus se contrapõe a essas influências?
  - À luz do discutido, como somos chamados a dar testemunho de Jesus?
- b. Considerem a vida de suas comunidades de fé procurando indicadores de um testemunho cristão integral.
  - Que lugar ocupam as mulheres na congregação? Que responsabilidades lhes são confiadas?
  - A igreja tem um ministério aos homossexuais? São respeitados? São vistos como pessoas que expressam e recebem do amor de Deus?
  - A comunidade de fé tem redes para conter aos jovens com dificuldade de inserção laboral e social?

Releiam a Primeira Parte “*Seguimento de Jesus pelo caminho da vida*”. Existem outras contribuições que surgem do documento, do processo de trabalho e de suas experiências que queiram compartilhar?

# SEGUNDA PARTE

## O reino do Deus da vida

## **6** As práticas religiosas são ambíguas e podem ser alienantes, ou até tóxicas. O mesmo pode se dizer da teologia. Que elementos nos ajudam na hora de determinar se nosso discurso e nossas propostas sobre o “seguimento” e o “Reino da Vida” são saudáveis e promovem a vida? (Pergunta geradora 6. Parágrafos 46-53).

*Tema 1: Boas ou más novas?*

Dialoguem sobre as seguintes perguntas baseadas nas que são propostas no texto. Não deixem de considerar suas realidades concretas.

- Como chegou o evangelho a nosso continente? Existem expressões religiosas similarmente alienantes em nosso meio hoje? Quais? Nossas pregações e práticas são Boas Notícias para os mais vulneráveis, ou justificam a violência e colocam em risco a vida e a criação? Dediquem um tempo ao reconhecimento e a orações de confissão.
- Em contraste, podemos compartilhar exemplos concretos e simples de como o evangelho se encarna em nosso contexto como boa notícia de “justiça, paz e alegria”?
- Que passos deveríamos tomar como comunidades cristãs e como cidadãos e cidadãs para que a vida prospere mais em nossas comunidades? Sejam bem concretos. Por exemplo, que práticas de vida e de fé podemos desenvolver frente à realidade dos deslocados, as gangs, etc.? Compartilhem experiências de suas comunidades nesse sentido.
- Que pautas nos dá a encarnação de Jesus Cristo, a ressurreição do corpo, a esperança da nova criação e o labor vivificante do Espírito Santo para superar o dualismo antropológico (espírito/corpo) que tanto mal nos tem feito?

*Tema 2: Boas novas de vida na comunidade de fé?*

Explorem a realidade vivida em suas congregações locais e considerem que dimensões dela deveriam ser transformadas.

- Considerem a lista de membros de sua congregação: vejam a proporção de mulheres, homens, jovens, imigrantes internos, do exterior, etc.
- Procurem registrar quem são os que assumem responsabilidades na direção de atividades, áreas, etc.
- Vejam si as proporções são mantidas ou não. Se não se mantêm, observem que grupos assumem tarefas de liderança e que grupos ficam marginalizados delas.
- Que papéis são atribuídos aos segundos?
- Reflitam a respeito e considerem se são necessárias algumas transformações. Quais poderiam sugerir?
- Como poderiam se impulsionar essas transformações? Que compromissos assumem neste sentido?

### *Tema 3: Boas novas de vida para as mulheres?*

No seu livro **Rompamos o silêncio: prevenção e Tratamento da violência na família** (Edições Kairós), Maria Elena Mamarián cita a Graciela Ferreira e oferece alguns dados interessantes. Detenham-se em alguns deles:

A violência familiar tem sido uma espécie de “ovelha negra”, algo secreto e ignorado, para as investigações e teorias psicológicas e sociológicas. Isto poderia ser atribuído a que, mesmo hoje, resulta difícil vencer a resistência ao tema que opõem as crenças sociais ou culturais. Estas sustentam que a família é como um santuário pleno de amor e cuidado para seus integrantes. Preferiu-se rodear de silêncio e de prejuízos ao sofrimento e ao abuso que podem dar-se no seio de uma de nossas mais queridas instituições. Isto impediu a tomada de consciência de que com tal atitude se fomentou e encobriu a comissão de delitos com total impunidade; tudo ficou “em família”, já que não é bem visto “colocar os panos sujos ao sol”, como convenientemente indicam alguns ditados vulgares (Graciela Ferreira, **A mulher maltratada**, Sudamericana, Buenos Aires, 1989, p. 25).

Dialoguem sobre este tema:

- Em suas comunidades se “rompe o silêncio”?
- Se é assim, dêem exemplos. Se não é assim, como creem que poderia derrubar-se o muro de silêncio para deixar de serem cúmplices de violência e ao contrário serem animadores de vida plena?

Continuem considerando o texto de Mamarián:

Além de ser uma realidade muitas vezes negada na sociedade, pelo intolerável e sinistro que resulta ser, ao fenômeno de violência familiar se lhe faz a “vista gorda” especialmente em nossos âmbitos cristãos. Aos preconceitos sociais em geral, que nos levam a acreditar que esta não é uma problemática frequente ou que só acontece nas populações humildes, os cristãos acostumamos aumentar o preconceito de pensar que isto não acontece no povo evangélico em particular. Contudo, estudos confiáveis revelam que o maltrato na família é uma prática muito comum, e que não respeita as classes sociais, nível econômico, geografia, nem religião.

Na pagina 32, Mamarián menciona alguns mitos comuns em nosso meio.

- Os casos de violência familiar são escassos; não representam um problema tão grave.
- A violência familiar é um fenômeno que só ocorre nas classes sociais carentes.
- O consumo de álcool é a causa das condutas violentas.
- As mulheres que são maltratadas pelos seus companheiros devem gostar, do contrário não permaneceriam nessa relação.
- As vítimas de maltrato às vezes procuram essas situações. “Fazem alguma coisa para provocar”.

- O maltrato emocional não é tão grave como a violência física. A violência familiar ocorre somente em lares de pessoas que não conhecem a Cristo.
- Os crentes devem suportar todo tipo de maus tratos.
- Se existe arrependimento do agressor, a vítima do maltrato deve perdoar e esquecer.

Resultam-lhes conhecidas estas expressões? São respostas aceitas pelas suas comunidades? Algum trabalho é feito em suas comunidades para superar estes mitos? Que programas ou espaços oferecem sua comunidade de fé ou outras em sua área para abordar esta problemática?

Atividades complementares: Estes temas podem ser aprofundados através dos seguintes filmes e extratos literários:

- Historia de Enrique Anderson Imbert (ver anexo 1)
- Filme “Brincando nos campos do Senhor” (ver anexo 2 para sumário)
- Poesia de Nicolás Guillén (ver anexo 3)
- Fragmento do texto de Maria Elena Mamarián, **Rompamos o Silêncio:** prevenção e tratamento da violência na família (ver anexo 4)
- Nota informativa baseada no documento titulado “Exame e avaliação da aplicação da Plataforma de Ação de Beijing: informe do Secretário Geral” E/CN.6/2000/PC/2).  
<http://www.un.org/spanish/conferences/Beijing/fs4.htm>
- Filme “Te dou meus olhos” (ver anexo 6 para sumário)

## **7** Que significa “vida” nas condições atuais em que vivemos? E a vida “em abundância” começando agora? Ainda é possível essa vida? Como? (Pergunta geradora 7. Parágrafos 54-62).

a. À luz da leitura, reflexionem em base as seguintes perguntas:

- O texto retrata o contraste entre “*O Blurr dos poucos e a realidade das grandes maiorias*”. Existem tais contrastes em seu país, bairro, comunidade ou igreja? Estas diferenças permitem a vida abundante a todas as pessoas? Quem, em seu contexto, são os mais vulneráveis?
- Os imigrantes são cidadãos de segunda categoria em seu contexto e mesmo na sua igreja? Os jovens são considerados um problema de segurança em seu contexto? A comunidade procura ativamente lhes oferecer possibilidades de inclusão, motivos de esperança? Expliquem.
- Existe algum vínculo entre os desastres “naturais” e a realidade social de uma zona geográfica? Mencionem exemplos concretos.
- Como viveu Jesus a vida abundante? E qual é a sua proposta de vida para quem lhe segue?

- b. Nesta seção se fazem as seguintes perguntas: *O que significará semear vida em nossas famílias, igrejas, comunidades, nações? Como penetrar em males tão endêmicos e complexos? Como reverter tais escalas de pobreza, exclusão e violência? Com que entidades religiosas ou civis devemos aliar-nos para prevenir, reverter e responder a esta realidade?* Perguntas como estas, são feitas nos programas de discipulado de nossas igrejas, em nossas decisões ministeriais, na formação teológica ou nas agendas de nossas famílias?
- Se estas perguntas são exploradas em suas comunidades de fé, que respostas foram descobrindo? Compartilhem o que aprenderam até agora como semeadoras e semeadores de vida.
  - Se estas perguntas não se exploram em suas comunidades de fé, por que não? Que confissões devem fazer ao Rei da vida que quer dar vida abundante a toda sua criação? Que passos podem ser tomados para reverter esta omissão?
  - Que implicará não “separar a espiritualidade pessoal das relações econômicas, sociais e políticas”? Conversem sobre realidades concretas de seu contexto.
- c. Relacionem esta seção com o seguinte fragmento do poema de Armando Tejada Gómez, se perguntando que sinais de vida abundante deveríamos procurar como seguidoras e seguidores de Jesus e que passos tomarão nessa direção:

*Tem um Menino na Rua  
Nesta hora exatamente,  
Tem um menino na rua...  
Tem um menino na rua!*

*É honra dos homens proteger ao que cresce,  
Cuidar que não haja infância dispersa pelas ruas,  
Evitar que naufrague seu coração de barco,  
Sua incrível aventura de pão e chocolate  
Colocando-lhe uma estrela no lugar da fome.  
De outro modo é inútil, de outro modo é absurdo  
Ensaiai na terra a alegria e o canto,  
Porque de nada vale se tem um menino na rua.*

*Nesta hora exatamente,  
Tem um menino na rua...  
Tem um menino na rua!*

*Não deve andar o mundo com o amor descalço  
Levantando um diário como uma asa na mão  
Subindo aos trens, trocando o riso,  
Batendo no peito, com uma asa cansada;*

*Não deve andar a vida, recém-nascida, a preço,  
A infância arriscada a um mínimo pago  
Porque então as mãos são inúteis fardos  
E o coração, apenas, uma palavra.*

*Nesta hora exatamente,  
Tem um menino na rua...  
Tem um menino na rua!*

*Pobre do que esqueceu que tem um menino na rua,  
Que tem milhares de crianças que vivem na rua  
E multidão de crianças que crescem na rua,  
Eu as vejo apertando seu coração pequeno,  
Nos olhando a todos com fábula nos olhos,  
Um relâmpago trunco lhes cruza o olhar,  
Porque ninguém protege essa vida que cresce  
E o amor se perdeu, como um menino na rua...*

*Nesta hora exatamente,  
Tem um menino na rua...  
Tem um menino na rua!*

**8** Não podemos falar de “vida” em geral se não falamos das vidas concretas e particulares das pessoas (por exemplo, a problemática das gangs, dos sem-terra, dos deslocados). De que forma se manifesta o Reino da Vida em situações concretas de morte? (Pergunta geradora 8. Parágrafos 63-71).

Os parágrafos 63 ao 66 sugerem um cenário de marginalização, pobreza, escravidão, orfandade, exploração, luta, expulsão e violência, entre outras injustiças, e o parágrafo 67 faz um giro para expor a “esquizofrenia do púlpito”. Com tudo o que já foi elaborado até agora e tomando em conta o extrato do parágrafo 68, respondam as seguintes perguntas a seguir:

Uma das razões pelas quais caímos no assistencialismo vazio ou nos discursos meramente ruidosos tem a ver com a maneira em que temos entendido a missão: anunciamos um evangelho despido, com uma pregação reducionista. Isso tem ocasionado que o serviço social na igreja muitas vezes seja entendido e praticado como um agregado de menor relevância e santidade que a proclamação verbal é no pior dos casos uma ação proselitista para ganhar novos crentes, que não é entendida como missão

- Consideram que suas comunidades padecem desta patologia? De que formas ela se expressa?
- Dominam discursos teológicos totalmente alheios à vida? Como se tratam as tragédias do mundo?

- A missão profética diante das angústias sociais tem sido “domesticada”? Temos perdido “a capacidade de viver encontros onde o Reino seja possível”?
- Como podemos recuperar nossa identidade de seres humanos, criados à imagem e semelhança do Deus-Trino?
- Na experiência do grupo, o que pode ser feito para despertar a solidariedade da comunidade cristã com os sofrimentos humanos? Que compromissos assumem nesse sentido?

## 9 Quais são as dimensões ecológicas e cósmicas deste Reino da Vida? (Pergunta geradora 9. Parágrafos 72-77).

- a. Para explorar esta temática, recomendamos que o grupo tome um passeio. Percorra juntas e juntos o bairro ou comunidade na qual se reúne durante uns 20 minutos. Realizarão duas atividades no seu percorrido:
  - Realizem em grupos de dois ou três uma pesquisa de campo simples entre os habitantes do setor, perguntando sobre a sua consciência ambiental. Possíveis perguntas: O que pensam sobre a condição atual do meio ambiente, das mudanças climáticas, da contaminação? Quem deve cuidar, em sua opinião, do meio ambiente? De que maneira você contribui a esse cuidado? No seu lar, separam-se os resíduos para reciclagem? Mede-se de alguma forma o consumo de energia e água? Averigua a origem das suas frutas e verduras? Procura usar transporte público ou compartilha viagens para não contaminar tanto o ar e para diminuir o consumo da gasolina? Existem entidades em sua vizinhança que se preocupam pelo cuidado da criação? As igrejas locais, de qualquer afiliação, contribuem a esse cuidado ou, pelo contrario, são agentes de contaminação? De que maneira? O que aconteceria se fechassem as igrejas da vizinhança?
  - Observem as condições ambientais da área. Existem árvores? Tem lixo nos esgotos? Tem áreas verdes? Tem lugares designados para jogar o lixo? Tem evidência de que os resíduos são reciclados?
- b. Ao voltarem, compartilhem o que escutaram e viram. Depois, pensando em suas comunidades de fé, reflexionem à luz destas perguntas:
  - Suas comunidades encorajam um estilo de vida responsável em relação ao cuidado do ambiente? São comunidades que dão exemplo de cuidado do ambiente, reciclando papel, usando lâmpadas de baixo consumo, separando os resíduos, etc.?

- Na educação cristã, nas pregações em suas comunidades de fé, nas aulas de formação teológica são incluídos temas sobre o cuidado da criação, o desenvolvimento sustentável, a redução do consumo de energia?
- Considera-se que o Evangelho e o seguimento de Jesus também têm uma dimensão ecológica na sua comunidade de fé? Por quê? E o que se propõem fazer sobre isso?

# 10

**Que vida? Para quem e para que? Quais são os abusos que se cometem em “nome da vida”? O que acontece quando os grupos que são castigados ou disciplinados em “nome da vida” são grupos que a maioria dos evangélicos latino-americanos e caribenhos não vê com bons olhos? (Pergunta geradora 10. Parágrafos 78-85).**

- Nesta seção a vida é mostrada como responsabilidade e como dom. Assumir a vida como responsabilidade demanda o auto- cuidado pessoal e comunitário. Mas este cuidado não é ensimesmado, encerrado em si mesmo, excludente, senão que supõe, nas palavras de Ellacuría, “se encarregar da realidade”. Conversem sobre estes aspectos, perguntando-se:
  - Nossas sociedades, igrejas, escolas e famílias, são lugares que impedem e fomentam uma vida responsável? De que formas o fazem ou o evitam? O que podemos fazer a respeito como comunidades de fé?
- Assumir a vida como dom demanda reconhecer ao Deus-conosco, ao Deus que por amor se faz humano, e assumir o discipulado e o testemunho cristão como expressão desse amor encarnado. Reflitam sobre isto com a ajuda destas perguntas:
  - Nossas comunidades de fé são expressões de amor encarnado? Abrem-se como “espaços de diálogo, de estudo, oração e celebração comunitária:” que permitem e potenciam a vida? Ou, contrariamente, são percebidos como espaços de juízo, preconceito e exclusão?
- Com respeito aos grupos minoritários ou excluídos em nossas sociedades e a assuntos como o divórcio e o novo casamento, a eutanásia, o controle da natalidade, o aborto, a orientação sexual, o casamento de pessoas do mesmo sexo, etc.
  - Abordamos esses temas com posturas dogmáticas pré-estabelecidas, ou abrimos oportunidades para a exploração, para escutar a

especialistas e gerar debates em torno a essas contribuições, do texto bíblico e da realidade que vivem os irmãos e irmãs que atravessam essas situações?

- Será possível estimular a procura de canais de informação e diálogo sobre estes temas e outros que fomentem a vida como responsabilidade e como dom?

## **11** Qual é a relação do Reino do Deus da vida com os projetos políticos atuais e com os movimentos sociais? (Pergunta geradora 11. Parágrafos 86-93)

Mesmo em nosso uso popular com frequência limitamos “o político” ao que se refere ao governo, esta parte nos ajuda a ampliar nossa compreensão, mostrando-nos que o político tem a ver com o uso do poder. Como cristãos reconhecemos a Deus como poder supremo sobre nossas vidas, mas também sobre a história humana. À luz disso, como expressões de seu Reino que já se inaugurou, mas que se revelará em plenitude no futuro, nós cristãos procuramos fazer visíveis os bons propósitos de Deus em meio às realidades históricas, sociais e políticas de nossos povos.

Corresponde-nos, como indica o texto:

Discernir como e por meio de quem o Deus do reino da vida está atuando na história. Julgando pelos acontecimentos das décadas recentes, pareceria que Deus está construindo uma nova realidade por mediações histórico políticas que atravessam necessariamente o popular. Os movimentos sociais realmente não são outra coisa que o povo em luta contra os diversos poderes dominantes (do qual o Estado, muitas vezes, é somente um instrumento).

Considerem estas afirmações com a ajuda das seguintes perguntas:

- Que movimentos sociais são conhecidos em seu contexto? Os membros de suas comunidades participam de algum? Que contribuições fizeram os cristãos nesses movimentos?
- Os movimentos sociais e populares sempre são bons? Existem exemplos negativos? Sob que condições?
- Que valores do Reino de Deus devem servir como critérios para a ação política dos seguidores de Jesus?

## **12** Como percebemos o problema da teodicéia no nosso continente? (Pergunta geradora 12. Parágrafos 94-102)

a. Considerem as perguntas formuladas no parágrafo 96:

- Como se concilia a presença do mal e a realidade do sofrimento com a afirmação cristã de um Deus de bondade e de justiça? Se Deus é justo e bondoso e deseja o bem-estar integral de toda a família humana, por que permite então a ação do mal e as situações de sofrimento nas que se encontram freqüentemente milhares de indefesos seres humanos?
- Esta realidade inevitável pode se explicar exclusivamente pela presença do pecado individual? Não haverá também pecados sociais e estruturais que explicam a realidade de injustiça institucionalizada que caracteriza nossos países e que se reflete em situações de violência contra os seres humanos? Como contribuição ao diálogo, tomem em conta a seguinte “conjugação verbal” de Gloria Fuentes:

Eu como  
Tu comes  
Ele come  
Nós comemos  
Vós comeis  
Eles não!

(Em: **De Mulher de verso em peito**, Madrid: Cátedra, 1996)

- a. Considerem as pregações analisadas na Primeira Parte. Verifica se a análise do parágrafo 95? Menciona-se ou denunciam-se neles os pecados sociais e estruturais? Releiam os parágrafos 97 e 98 como base para a sua conversa.
- b. Como se expressa o compromisso com o Deus que ama a justiça na prática cotidiana? Por que meios procuram fazer-se ouvir?

... com a prática orgânica da não violência ativa que conduza a desmascarar publicamente a estas expressões concretas do anti-reino em nossas sociedades. As igrejas, como sinal e signo da presença do Reino do Deus da vida em seus marcos temporais de missão, têm que denunciar publicamente estes e outros pecados sociais e estruturais, têm que procurar a paz da cidade defendendo a dignidade humana, têm que participar ativamente nos espaços coletivos que trabalham para que a justiça social seja uma realidade cotidiana para os pobres e oprimidos. Em outras palavras, para as igrejas presentes na América Latina e no Caribe tem que estar suficientemente claro que a inequidade social e a desigualdade no que se refere ao acesso a oportunidades para todos são contrárias ao propósito de Deus para o ser humano... (Parágrafo 99).

Releiam a Segunda Parte “*O Reino do Deus da vida*”. Há outras contribuições que surgem a partir do documento, do processo de trabalho, e de suas experiências que gostariam de compartilhar?

# TERCEIRA PARTE

## O Espírito da vida

## **13** Como se manifesta o pentecostalismo em nosso meio? Como distinguir o trabalho da *Rûah* da vida dos espíritos da opressão y da morte? (Pergunta geradora 13. Parágrafos 104-112).

*Tarefa preparatória:* Idealmente o/a facilitador/a terá animado o grupo a realizar a seguinte exploração antes da sessão onde se discuta esta pergunta.

A íntima relação entre o agir do Espírito e o de Jesus de Nazaré é óbvia nos Evangelhos. Percorram rapidamente os textos dos Evangelhos fazendo uma lista das vezes que se explicita esta relação, ou seja, as instâncias nas quais se expressam em forma precisa as manifestações do Espírito Santo na vida de Jesus. Levem a sua lista ao encontro grupal.

*No encontro:*

Usando como base seu estudo anterior, comparem as obras do Espírito na vida de Jesus e as manifestações que são enfatizadas em nossas congregações.

- Assemelham-se? Que diferenças identificam? A que se devem essas diferenças?
- Que concepção do “poder” se percebe por detrás da redução do agir do Espírito as “manifestações portentosas”? “Por outro lado, como pode se falar do agir do Espírito em um contexto social de “exclusão” e “fraqueza”?
- Como se manifestam em suas comunidades a vida no Espírito e o agir dos espíritos de opressão e morte? Comparem e contrastem ambas as opções.
- Que relação encontram entre “pentecostalidade” e “pentecostalismo”?
- Em seus contextos particulares, de que forma se entende a presença do Espírito como a “marca” da igreja? Indiquem a diversidade de perspectivas nos diferentes contextos. Identifiquem pontos em comum que reafirmam nossa convicção de que falamos de um mesmo Espírito.

## **14** Nos CLADEs anteriores a temática central foi a “missão integral”. Quais são as limitações intrínsecas dessa maneira de descrever a missão? De que maneira a autoimagem construída em torno da “missão integral” impede formas mais integrais de vida cristã, e como as potencializa? Quais contribuições e distinções o conceito de “missão integral” pretende mostrar, frente a que ou quem? (Pergunta geradora 14. Parágrafos 113-121)

- Quais são as lutas mais fortes, internas (igrejas evangélicas) e externas (sociedade em geral), que tiveram na sua prática eclesial ou vivência da missão integral? Segundo suas próprias visões, a que se devem essas lutas? Compartilhem testemunhos sobre o agir do Espírito Santo em essa vivência da missão.
- Segundo o autor, a concepção integral da missão da igreja está “instalada no povo evangélico latino-americano e caribenho”, mas nem sempre tem sido “assimilada” nem aplicada com propriedade. Considerem suas congregações locais. Sentem que assimilaram e aplicaram apropriadamente este paradigma missiológico? Que evidências existem disso?
- O autor avalia que “não somos uma força relevante para a mudança social em nosso meio”. O que opinam sobre essa afirmação? O que falta para que sejamos? Que passos gostariam dar ao respeito em seus espaços de influência?
- Se sua comunidade de fé não está familiarizada com o conceito e a vivência da missão integral, lhes recomendamos o estudo do manual *O que é a Missão Integral?* (**Dados bibliográficos**)

## 15 Existem exemplos concretos da “missão” ou do “envio” que possam nos servir de inspiração em nosso continente?

- Revejam os relatos dessa sessão. Comentem: Conhecem expressões de missão integral como as mencionadas? Outros exemplos concretos de suas comunidades que mostrem este agir de Deus entre seu povo?
- Desde a perspectiva teológica e missiológica latino-americana, por que é importante discernir a ação do Espírito Santo a partir da prática eclesial? Para animar a vida do reino, que lugar tem o “testemunho” como acontecimento e mensagem teológica?
- Compartilhem suas impressões sobre a caracterização do contexto eclesial latino-americano e caribenho no parágrafo 129:

Em nosso contexto eclesial latino-americano e caribenho, no qual com frequência o evangelho é reduzido a rito e legalismo religioso, a boa notícia é restringida à vida futura, a missão é limitada a estratégias para alcançar, recrutar e contar novos convertidos, e o sucesso se mede pelo tamanho dos templos e orçamentos...

Alguns elementos desta descrição se fazem ver em suas comunidades e contextos? Existem ações ou omissões que devem ser confessadas? Identifiquem a contrapartida de cada ponto como indica o quadro:

| Com frequência hoje | Enviados como Jesus

	Rito	Celebração comunitária da fé
Evangelho/ boa notícia	Legalismo religioso	Vivência alegre de intimidade com Deus
	Para o futuro	
Missão		
Êxito		

Finalizem com um tempo de oração agradecendo pelas expressões fieis de missão em suas comunidades e implorando a ajuda de Deus para que a sua comunidade de fé encarne mais integralmente o evangelho.

## **16** Quais são os principais obstáculos para a vida abundante em nosso continente? Como respondem nossas igrejas a esses obstáculos? Quais são alguns passos concretos nas áreas de resistência à morte e de opções de vida que já estão sinalizando nossas igrejas? Como seguir por esse caminho? (Pergunta geradora 16. Parágrafos 130-138).

- Façam uma tempestade de idéias sobre os obstáculos mais significativos para a vida abundante em nosso continente. Será possível pensar que mais do que “obstáculos” sejam mentalidades, ações e organização “anti-reino”?
- No parágrafo 134 se faz uma afirmação categórica: “Certamente a raiz de todos os males humanos – teologicamente falando – é o pecado. Porém isto não é algo abstrato, senão que se manifesta ao mesmo tempo no individual e no estrutural, libertando toda a sua fúria e violência, causando um grande dano físico e espiritual à vida das pessoas, e negando dessa forma a vida abundante”. Que opinião merece tal afirmação sobre o “pecado”? Que práxis de missão e de reino de Deus suscitará tal concepção?
- Analisar se aqueles “obstáculos” que existem dentro da igreja respondem a uma raiz diferente àqueles que se observam na sociedade em geral. Está certo falar de duas realidades diferentes quando nos referimos ao pecado dentro da igreja e na sociedade em geral?
- Com respeito ao interior das comunidades de fé, identifiquem práticas que aparentam ser “espirituais”, mas não perpetuam a vida e a paz.
- Quais são as redes de poder opressor no aspecto local, nacional e transnacional? E que esforços existem que se contrapõem a esses poderes? Suas comunidades de fé, de que lado se colocam nesta confrontação? Coordenam seu agir com indivíduos e instituições religiosas ou civis envolvidas em procurar a vida abundante?

- Considerem uma problemática concreta e local que demanda intervenção a favor da vida. Armem juntas e juntos uma estratégia para superar os obstáculos.

Leitura complementar: **A visão de Isaias**, de *Raymond Fung*. Versão em espanhol, CAI, Quito Equador, 2003.

## **17** Em que consiste a nossa esperança? Nos ajuda ou nos faz desviar do caminho do seguimento ao Deus da vida? (Pergunta geradora 17. Parágrafos 139-146).

- Como marco geral, discutam: como constroem as esperanças os seres humanos? A forma na qual o povo cristão constrói suas esperanças é diferente? Qual é a particularidade da esperança cristã em relação com outras esperanças?
- Elabore um quadro comparativo entre o mero “otimismo” e a “esperança cristã”.
- Tratando pastoralmente o tema, como podemos acompanhar-nos mutuamente, como povo de Deus, em ter “esperança”? Refiram-se aos textos bíblicos citados nos parágrafos 144 e 145. Onde radica a esperança das seguidoras e seguidores do Deus da vida? Para onde aponta? De quem depende? Como se fortalece essa esperança? Quais são seus frutos?

## **18** Por que existem tantos abusos de poder e tanta corrupção nas igrejas evangélicas? Que falhas estruturais existem em nossas igrejas? Como se relaciona com isso a educação teológica em todos os níveis? (Pergunta geradora 18. Parágrafos 147-154).

Orem rogando que o Espírito Santo lhes dê discernimento claro e corações compassivos com respeito a vocês mesmos e suas comunidades de fé.

- Façam um exercício de leitura sociopolítica de Lucas 22:25-30, explorando o texto com as seguintes perguntas: A que organização política refere-se Jesus com a imagem de um “Rei”? Que posição social assume Jesus quando se localiza entre os “servos”? Se Jesus se apresenta como “servo” e depois fala de seu “reino”, como será esse reino? Como serão as relações de poder nesse “reino”? Que implicações econômicas e sociais trazem consigo a vida nesse “reino”? Como podemos conceber essas perspectivas em tempos de democracia? E desde perspectivas de gênero, etnias, “beleza”, formação acadêmica, parentesco?

- Existe em nossas igrejas abusos de poder e/ou corrupção? A que se deverão tais falhas? O propósito do diagnóstico é encontrar soluções, respostas, alternativas curadoras e recuperadoras do ideal que se apresenta no evangelho.
- Reconhecendo que o conhecimento é poder, e que o conhecimento da Palavra de Deus empodera a uma pessoa, como se exercitar o discipulado para o pleno exercício do sacerdócio de todas e todos os cristãos? Desenvolvem-se diligentemente processos de formação bíblico-teológica na igreja?
- Como se tomam decisões na sua igreja? Façam um quadro de circuito e decisões do que se considera “de cima” até “embaixo”. Existem oportunidades para que todos os membros exerçam o direito de participar nas decisões?
- Por outro lado, como vinculamos perspectivas mais horizontais de relações eclesiais com a realidade de que tem pessoas mais consagradas ou sábias que outras? Compartilhar perspectivas e testemunhos.

## **19** Como incorporar a agência pneumática de mulheres, jovens, povos originários e afrodescendentes em nossa maneira de viver, ser igreja e fazer teologia? (Pergunta geradora 19. Parágrafo 155-159).

- Consideram que em suas comunidades se expressam todas as vozes que alguma vez foram caladas? São suas expressões valorizadas do mesmo modo que as outras? Que sinais concretos existem disso?
- Coloquem-se imaginariamente no lugar dos primeiros cristãos, inseridos na sociedade hierarquizada e excludente do império romano. Explore o que significaria para eles incluir escravos, mulheres, jovens e estrangeiros em ministérios de hierarquia nas comunidades de fé. Como os dons desarticulavam as diferentes esferas sociais de sua época e que concepções de “comunidade”, de virtude pessoal, de relações de poder, de irmandade foram se construindo? Paralelamente, que sentido de sociedade e relações humanas comunica a sociedade inteira à igreja que segue a vida no Espírito hoje?

Releiam a Terceira Parte “*O Espírito da vida*”. Há outras contribuições que surgem a partir do documento, do processo de trabalho, e de suas experiências que gostariam de compartilhar?



## ANEXOS

---

### **Anexo 1: Conto de Enrique Anderson Imbert, *A outra vida*.**

Desesperados pelos tormentos e trabalhos que eram impostos pelos espanhóis – o espanhol Las Casas é quem conta – os índios das Antilhas começaram a fugir das encomendas. De nada lhes valia: eram caçados e despedaçados com cachorros. Então os índios decidiram morrer. Uns incitavam a outros, e assim povos inteiros se penduraram em árvores, seguros que, na outra vida, desfrutariam de descanso, liberdade e saúde. Os espanhóis se alarmaram ao ver que iam ficando sem escravos. Uma manhã, certo encomendeiro advertiu que um grande número de índios abandonava as minas e marchava caminho ao bosque com cordas para se enforcar. Os seguiu e quando já estavam escolhendo os galhos mais fortes, apareceu a eles e lhes disse:

- Por favor, dê-me uma corda. Eu também vou me enforcar. Porque se vocês se enforcam, para que quero viver aqui sem sua ajuda? Vocês me dão de comer, me dão ouro... Não, quero ir-me para a outra vida com vocês, para não perder o que lá terão que dar-me.

Para evitar que o espanhol se fosse com eles e durante toda a eternidade lhes e lhes fatigara, os índios concordaram em não se matar nesse momento.

---

### **Anexo 2: Filme *Brincando nos campos do Senhor***

Nas profundezas da selva amazônica, um grupo de missionários chega a essa região com o propósito de evangelizar aos índios niaruna, ao mesmo tempo em que um par de mercenários é obrigado pela autoridade militar a exterminar a tribo. O choque dos acontecimentos provocará a destruição de uma parte importante desse canto do planeta.

---

### **Anexo 3: Poesia de Nicolás Guillén, *Problemas do subdesenvolvimento*.**

*Monsieur Dupont te chama inculto,  
porque ignoras qual era o neto  
preferido de Víctor Hugo.  
Herr Müller começou a gritar,  
porque não sabes o dia  
(exato) no qual morreu Bismark.  
Teu amigo Mr. Smith,  
inglês ou ianque, eu não o sei,*

*se revolta quando escreves shell.  
(Parece que você poupa uma ele,  
e que, além disso, pronuncias chel.)  
Bom, e que?  
Quando seja a tua vez,  
manda-lhes dizer cacarajícara,  
e que onde está o Aconcágua,  
e que quem era Sucre,  
e que em quê lugar deste planeta  
morreu Martí.  
Um favor:  
Que te digam em espanhol.*

---

**Anexo 4:** Mitos e verdades sobre violência familiar (fragmento do texto de: Mamarián, Maria Elena, **Rompamos o silêncio**. Prevenção e tratamento da violência na família. Ed. Kairós, p. 32).

1. *Os casos de violência familiar são escassos; não representam um problema tão grave.* A verdade é que, como já mencionamos ao começo desta introdução, se estima que cerca de 50% das famílias sofre alguma forma de violência entre seus membros.

2. *A violência familiar é produto de algum tipo de doença mental.* Esta é uma forma de justificação bastante frequente, que tem tendência a minimizar a responsabilidade do agressor. Pelo contrario, frequentemente são as vítimas as que terminam padecendo algum transtorno psiquiátrico - por exemplo, depressão, angústia, etc.- como efeito do maltrato recebido em forma persistente e contínua. Somente uma proporção menor de patologias psiquiátricas se apresenta com agressão. Nestes casos, a violência é indiscriminada. Não esta dirigida intencionalmente a uma só pessoa nem se esconde ao olhar externo, como acontece na violência familiar.

3. *A violência familiar é um fenômeno que só acontece nas classes sociais desprovidas.* De acordo como modelo ecológico de causalidade que se mencionará mais adiante, é verdade que as condições socioeconômicas desfavoráveis aumentam o risco do surgimento da violência na família porque operam como fatores estressantes adicionais. No entanto, os estudos sérios sobre o tema mostram que este fenômeno se dá em todas as classes sociais e em todos os níveis educativos. O que às vezes varia são os métodos mais refinados do exercício da violência nas classes sociais altas, além da presença de maiores recursos para manter o problema escondido. As classes sociais mais populares são as que concorrem comumente aos serviços públicos, razão pela qual os casos ficam assentados nas estadísticas e registros, e o problema resulta então mais visível. A fantasia e os mecanismos de defesa levam a muitas pessoas a associar o crime e a violência com classes mais baixas, sem educação, e com segmentos antissociais da população. Os estereótipos dominam as crenças que muitos têm sobre a

violência e sobre aqueles que a praticam. O fato de que muitos atos de violência se levam a cabo em lares de cidadãos profissionais respeitáveis é algo que é firmemente negado pela maioria das pessoas. (Emilio Viano, **Violência, vitimização e mudança social**. Editora Córdoba, Córdoba, 1987, p. 18).

4. *O consumo de álcool é a causa das condutas violentas.* É verdade que o consumo de álcool e outras drogas podem favorecer a emergência da violência, mas não são a causa. Muitos alcoólicos não são violentos no lar; grande parte dos violentos não consomem álcool nem drogas; os alcoólicos violentos no lar não são no âmbito social; portanto, é clara a “eleição” deliberada de suas vítimas.

5. *Se há violência, não pode haver amor em uma família.* É verdade que resulta muito difícil contabilizar o amor com a violência. E de fato, o verdadeiro amor não provoca dano ao outro. No entanto, por um lado, se deve compreender o caráter cíclico que a violência na família geralmente adota pelo qual deixa espaços livres para o intercâmbio afetivo; por outro lado, muitas vezes o amor que se professam os cônjuges não é tão saudável como deveria ser e, como efeito da insegurança das pessoas, torna-se viciante, dependente, possessivo, e conseqüentemente propenso à agressão.

6. *As mulheres que são maltratadas pelos seus companheiros devem gostar disso; do contrario não permaneceriam na relação.* Esta é uma das crenças que mais ferem as mulheres que padecem violência, e mostra um alto grão de incompreensão da problemática. As relações sadomasoquistas (prazer sexual que se obtém ao agredir a um membro do casal e/ou ser agredido pelo outro) não entram na definição de violência doméstica já que em todo caso, seria um tipo de relação sexual consentida mutuamente. A mulher que mantém de maneira crônica uma relação abusiva faz isso por múltiplos motivos de índole emocional, social, econômica, etc. Se se considera sua situação, experimentaria culpa e vergonha, ao mesmo tempo que o medo, impotência e fraqueza. Em mulheres cristãs se soma, além disso, a convicção de que devem permanecer no casamento a qualquer custo.

7. *As vítimas de maltrato às vezes o procuram; fazem “alguma coisa para provocá-lo”.* Os comportamentos de outros podem nos causar raiva, mas de nenhuma maneira justificam a resposta violenta. Esta crença está sustentada por muitíssimas pessoas por ignorância e é a justificação predileta dos perpetradores. Inclusive se atribui intenção de “provocação” às vítimas de abuso sexual infantil ou violação. Desta maneira se joga a culpa à vítima da violência e se exime de culpa ao agressor. Não só na população geral se faz eco este mito, senão também nas pessoas encarregadas de trabalhar no tema: psicólogos, polícias, médicos, advogados, juízes, e até religiosos. Ao transformar as vítimas em “suspeitosas” somente conseguem aumentar a dor e diminuir sua esperança de receber ajuda.

8. *O abuso sexual e as violações acontecem em lugares perigosos e obscuros, e o atacante é um desconhecido.* Este preconceito certamente tenta afastar o fantasma de que

dentro das famílias aconteçam estes eventos aberrantes e intoleráveis, e está ao serviço de evitar que se rompa o mito da família como paraíso seguro. O professor Dr. Emilio Viano especialista em vitimologia, citado acima, menciona que a família, longe de ser um santuário, um asilo, ou um refúgio que brinda segurança e ajuda, muitas vezes pode chegar a ser uma experiência assustadora para mulheres e crianças (p. 34-35). No entanto, preferimos negar esta realidade porque não queremos que nada nuble a ilusão da família como espaço idílico de amor e harmonia. Deste modo, como sociedade, não fazemos mais que fechar os olhos e os ouvidos ao sofrimento das vítimas de violência na família. Com respeito ao abuso sexual infantil em geral (de homens e mulheres), as estatísticas sérias mostram que as aberrações, em 85% dos casos, ocorrem nos lares ou âmbitos conhecidos, e que o abusador é, geralmente, alguém da família ou muito próximo a ela. Vejamos alguns dados com respeito ao abuso sobre as mulheres a modo de ilustração:

Contradizendo a visão da família com refúgio de amor e suporte, os dados de todo o mundo sugerem que as meninas e as mulheres estão mais expostas ao risco da violência em seus lares que em qualquer outro lugar. Um estudo de 987 a respeito de mais de 2000 casos de abuso registrados durante cinco meses na *Delegacia de Polícia da Mulher em São Paulo*, por exemplo, encontrou que mais de 70% do total de ocorrências de violência contra a mulher denunciadas aconteceram dentro do lar. Em quase todos os casos, o abusador foi o esposo, ou o amante da mulher. Mais de 40% dos casos incluíram lesões físicas graves (American Watch 1991) [...] Uma revisão recente da violência contra a mulher nos Estados Unidos, publicada no *Journal of American Medical Association*, observa que “atualmente os estudos documentam uma maior probabilidade de que as mulheres nos Estados Unidos sejam agredidas e feridas, violadas ou assassinadas pelo parceiro masculino atual ou anterior, que por todos os outros tipos de agressores combinados” (Lori Heise, **Violência contra a mulher**: a carga oculta sobre a saúde. Organização Pan-americana de Saúde. Programa Mulher, saúde e desenvolvimento, Washington, D.C., 1994, p. 19).

9. *O maltrato emocional não é tão grave quanto à violência física.* Muitas mulheres prefeririam ser golpeadas fisicamente para dar a conhecer sua situação de maltrato doméstico de forma visível. O abuso emocional é mais difícil de detectar e provar, tanto para a vítima como também para seu contexto. O abuso emocional contínuo tem consequências nefastas para a saúde física e emocional da vítima tanto ou mais graves do que aqueles causados pelo maltrato físico.

10. *O comportamento violento é inato, pertencente à “essência” dos seres humanos.* Este mito legitima a violência, considerando-a como inevitável ou iniludível. Mas, além de que certas características da personalidade façam mais difícil o controle dos impulsos em algumas pessoas, há um consenso em aceitar que a violência é um comportamento aprendido a partir de modelos familiares e sociais que a admitem como um recurso válido para resolver conflitos interpessoais ou, pior, como o direito que alguns membros da família (homens ou adultos) têm sobre os outros (mulheres ou crianças). Pensar corretamente sobre este aspecto é promover a esperança certa de uma mudança. Se a

violência é um comportamento aprendido, então ele pode ser substituído por uma aprendizagem de um novo modelo de respostas não violentas. A estes mitos que circulam entre a população em geral, podemos acrescentar alguns mitos próprios dos círculos religiosos, tais como:

11. *A violência doméstica ocorre apenas em casas onde as pessoas não conhecem a Cristo.* Quanto desejaríamos que os lares cristãos fossem uma exceção! No entanto, devemos dizer com tristeza que não é assim. Este mito nos ambientes cristãos produz a invisibilidade da questão, isto é, leva a crer erroneamente que o problema não existe. Os serviços especializados em violência familiar, os hospitais e outros meios onde se dá atenção à saúde física e mental, encontram este problema em todo tipo de pessoas, inclusive pessoas religiosas de diferentes credos. O abuso na família não reconhece fronteiras econômicas, sociais, étnicas, nem tampouco religiosas.

12. *É coisa de crentes suportar todos os tipos de abuso.* Este mito nasce de uma interpretação teológica errada que faz do sofrimento uma virtude. Além disso, muitas vezes é combinada com a crença de que as mulheres devem ser submissas ao marido sob qualquer circunstância e condição. Em mulheres religiosas, essas crenças favorecem a perpetuação da violência doméstica e, nos homens, justificam seu comportamento violento.

13. *Se houver arrependimento do agressor, a vítima de abuso deve perdoar e esquecer.* Justamente pela natureza cíclica da violência familiar, muitas vezes acontecerá que a pessoa violenta se arrependerá, talvez até sinceramente. No entanto, isto não significa a possibilidade de uma mudança real do comportamento violento. Boas intenções não bastam: é necessário além do reconhecimento e o arrependimento, o trabalho deliberado, prolongado e profundo em cada membro do casal, por alguém que conhece o assunto. Justamente, não é apenas um problema de perdão, senão de não esquecer e, além disso, de lembrar os padrões repetitivos de comportamento violento. Só assim será possível lidar com um verdadeiro trabalho de restauração profunda e duradoura. O entendimento correto de todos os aspectos relacionados à violência familiar será desenvolvido com mais amplitude ao longo dos capítulos seguintes.

**Anexo 5:** Nota informativa baseada no documento titulado **Prova e avaliação da aplicação da plataforma de ação de Beijing:** informe do Secretário Geral" E/CN.6/2000/PC/2).

<http://www.un.org/spanish/conferences/Beijing/fs4.htm>

## **Violência contra a mulher**

A violência contra a mulher é talvez a mais vergonhosa violação dos direitos humanos. Não conhece fronteiras geográficas, culturais ou de riquezas. Enquanto continue, não podemos realmente dizer que temos avançado rumo ao desenvolvimento, à igualdade e à paz (Kofi Annan, Secretário Geral das Nações Unidas).

A violência contra a mulher assume muitas formas, incluindo a violência doméstica, as violações, tráfico de mulheres e meninas, a prostituição forçada, a violência em situações de conflito armado, tais como assassinatos, estupro sistemáticos, escravidão sexual e a gravidez forçada; os assassinatos por razões de honra, violência por causa do dote, o infanticídio feminino e a seleção do sexo fetal pré-natal em favor de bebês do sexo masculino; a mutilação genital feminina e outras práticas e tradições prejudiciais.

A Declaração sobre a eliminação da violência contra as mulheres, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1993, demonstra o reconhecimento e a compreensão internacional de que a violência contra a mulher é uma violação dos direitos humanos e uma forma de discriminação contra a mulher.

Na Plataforma de Ação adotada na Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Beijing em 1995, se define a violência contra as mulheres como uma das 12 áreas de especial preocupação que deve ser objeto de particulares ênfases por parte dos governos, da comunidade internacional e da sociedade civil.

### **Violência no lar**

A violência no lar, especialmente o espancamento da mulher, é talvez a forma mais generalizada de violência contra a mulher. Nos países onde são realizados estudos fiáveis em grande escala sobre a violência baseada no gênero, se informa que mais de 20% das mulheres foram vítimas de maltrato pelos homens com quem vivem.

De acordo com o Informe sobre o Desenvolvimento Mundial 1993 do Banco Mundial, as violações e a violência doméstica culminam na perda de mais anos de vida saudável, entre mulheres de 15 a 44 anos de idade, que o câncer de mama, o câncer uterino, parto obstruído, a guerra ou acidentes de trânsito.

Em resposta à Plataforma de Ação de Pequim, os Estados membros das Nações Unidas e a comunidade internacional têm tentado encontrar a maneira de combater de forma mais eficaz a violência doméstica:

- Muitos Estados promulgaram leis que reconhecem que a violência dos maridos deve ser tratada da mesma forma que a exercida por estranhos. Na Suécia, estes atos se definem como graves violações da integridade da mulher, e estão sujeitas a penalidades mais severas que nos casos em que os mesmos atos são realizados por estranhos.
- Áustria, Bielorrússia, Butão, Hungria, México, Portugal e Seychelles decidiram pela primeira vez, criminalizar a violência sexual contra as mulheres feita pelos seus maridos.
- Em Sri Lanka, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) tem trabalhado estreitamente com as autoridades e as organizações não governamentais para prevenir a violência no lar através da educação do

público usando a mídia e realizando cursos práticos para sensibilizar aos membros do judiciário e os funcionários responsáveis pela aplicação da lei.

- Bielorrússia, Polônia, Rússia e Zimbábue estão entre os estados que têm tentado introduzir serviços, tais como casas de acolhida e linhas telefônicas especiais para prestar apoio às vítimas de violência.
- Estados como a Argélia e Brunei Darussalam estabeleceram escritórios em seus departamentos de polícia responsáveis pelo combate à violência doméstica.
- Islândia criou um projeto experimental de dois anos de duração, titulado “Homens de responsabilidade”, para os homens violentos. O projeto é supervisionado diariamente pela Cruz Vermelha de Islândia e será avaliado quando terminar.

### **Trafico de mulheres**

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) estima que o tráfico de mulheres e crianças, que é quase sempre feito para a exploração sexual para fins comerciais, gera até 8.000 milhões de dólares anualmente. Os enormes lucros feitos pelos perpetradores, que estão cada vez mais ligados ao crime organizado, tornaram esse delito uma ameaça global que está se espalhando rapidamente.

As mulheres e meninas pobres estão entre os principais grupos afetados por traficantes por causa de sua marginalização e limitados recursos econômicos. Algumas participam voluntariamente encorajadas pelas promessas de ingressos mais elevados e a esperança de deixar a pobreza para trás. Outras estão forçadas, e muitas acabam como prostitutas contra sua vontade. Para mudar esta situação:

- As Filipinas lançaram uma iniciativa, em cooperação com a sociedade civil e outros governos, que inclui atividades de formação de organismos de primeira linha sobre como combater o tráfico de mulheres e meninas e elaborar procedimentos para isso.
- Como parte de sua investigação do crime organizado, a polícia estabeleceu uma Divisão de Combate ao Tráfico de Mulheres no Departamento da Polícia.
- A China fez alterações ao seu código penal respeito ao rapto de mulheres e meninas e a prostituição forçada.
- Nas fronteiras, Myanmar estabeleceu oito centros de formação profissional para mulheres e meninas para impedir o tráfico de mulheres.
- A Holanda nomeou um relator nacional responsável por descrever a visão geral de dados sobre tráfico de mulheres e métodos para preveni-lo.
- Albânia e a Federação Russa lançaram campanhas educativas dirigidas às vítimas potenciais.

### **Anexo 6: Filme Te dou meus olhos**

Uma noite de inverno, Pilar sai fugindo de sua casa. Leva consigo somente quatro coisas e seu filho Juan. Escapa de Antônio, um marido que a maltrata e com o qual estava 9 anos casada. Antônio não demora em ir procurá-la. Pilar é seu sol, diz ele, e ademais “deu-lhe seus olhos”.

Bibliografia recomendada para enriquecer o ser e a tarefa de suas comunidades de fé:

**Esta é a única sessão pendente. Será enviada brevemente.**